

O Primeiro de Maio em disputa: apropriações e significados do Dia do Trabalho no Ceará no início do século XX.

Lindercy Francisco Tomé de Souza Lins*¹

Resumo: O Primeiro de Maio, cujas origens remontam às lutas por melhorias, nas condições de trabalho da classe trabalhadora do final do século XIX, se configurou ao longo do tempo, como o principal rito operário, tanto pelo caráter internacionalista, e pelo significado de sua comemoração. No decorrer da história, observa-se constante disputa em torno do mote político-ideológico do Primeiro de Maio, ora se constituindo como “dia do trabalho”, sob forma de homenagem prestada pelo Estado aos “colaboradores do progresso”, ou como “dia do trabalhador”, ou seja, data destinada à reflexão dos trabalhadores sobre sua condição, cujo intuito era de se sociabilizar, ou lutar contra o capital, ao rememorar os Mártires de Chicago. Dentre os objetivos da pesquisa, tentou-se apontar as principais apropriações e significados de que o rito operário se caracterizou ao longo do período, notadamente as disputas em torno de seus significados pelos trabalhadores, Estado e Igreja Católica.

Palavras-chave: Primeiro de Maio; Dia do Trabalho; República

Abstract: The First May Day, which origins are related to the fights for better working conditions of the laboring class at the end of the 19th century, showed up throughout time as the main laboring rite because of its internationalist character as well as for the meaning of its commemoration. Through History a constant dispute along May Day’s politic and ideological motto is observed: sometimes it constitutes itself as a “Day of Work”, under form of paying homage to “colaboradores do progresso” by State, other times as a “Day of Laboring Class”, that is, a date destined to the reflection of the workers on its condition, which intention was to socialize themselves; or even to fight against capital, when recollect the “Chicago Martyrs”. Amongst the objectives of this research, one of them was to point out which had been the main appropriations and meanings of this laboring rite presented among the disputes of its meanings for the workers, State and Catholic Church.

Keywords: The First May Day; Day of Work, Republic

Dos “Mártires de Chicago” aos “Mártires Cearenses”

O Primeiro de Maio, em virtude de sua origem que remonta aos processos de luta dos trabalhadores, rapidamente ganhou atenção das entidades sindicais e patronais, do Estado, igrejas e partidos políticos, cada um, ao seu modo, direcionando e se apropriando dos significados com finalidades definidas. Os embates giravam em torno de manifestação pública, no Primeiro de Maio, e a disputa de significados se evidenciava na concepção de festa, luto ou luta. O texto que se segue propõe analisar alguns sentidos do rito em questão no Ceará, nas primeiras décadas do século XX, por meio dos jornais.

¹ Mestre em História Social – UFC, com pesquisa financiada pela FUNCAP. Atualmente é Professor do Departamento de História da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

O caráter de luto/luta do Primeiro de Maio foi expressado sob diversas formas, não apenas pelas referências na iconografia e discursos aos “Mártires de Chicago”, mas também, adaptando simbologias à realidade local. O luto aos mártires, uma das principais táticas utilizadas pelos anarquistas desde os fins do século XIX, serviu como impulso à comemoração, consistia, sobretudo, a ida aos cemitérios, em respeito à memória dos operários mortos, como forma de homenagear sua trajetória. No Rio de Janeiro, por exemplo, em 1901, os operários se concentraram, às oito horas, no Largo do São Francisco de Paula, de onde partiram rumo ao Cemitério de São Francisco Xavier, para visitar o túmulo do “maior batalhador socialista do Rio de Janeiro”, o tipógrafo Luís da França e Silva (BATALHA, 2004: 95).

No Ceará das primeiras décadas do século XX, havia a combinação da tática dos anarquistas com a dos socialistas, com visitas ao cemitério, em tom fúnebre, que associa os Mártires de Chicago (tática anarquista de associar o luto à luta), conforme notícia o *Diário do Ceará*, com táticas dos socialistas (apropriação das romarias católicas) aos desfiles operários na cidade de Quixadá, no ano de 1924.

A entidade responsável pelo evento, a Aliança Artística e Proletária de Quixadá, organizou a festa dedicada ao “Trabalho Livre”, com a seguinte programação:

Pela manhã, houve romaria ao cemitério público, por grande número de sócios dessa valiosa agremiação, visitando o túmulo dos associados que ali se acham sepultados. À noite, teve lugar uma sessão solene, à qual compareceram várias famílias, além de avultado número de cavalheiros².

O ato de visitação aos túmulos dos associados, segundo Carlos da Fonseca, era de “aproveitar o culto dos mortos para “sacralizar” a “festa dos trabalhadores” tornava-se indispensável perante uma mentalidade coletiva regida em grande parte pelas convulsões sentimentais” (FONSECA, 1990: 47).

Fernando Catroga, ao comentar a visitação dos trabalhadores aos cemitérios, onde jaziam as lideranças ou mártires operários, detinha a intenção de “heroicizar exemplos que filiassem, criassem identidades e estimulassem o combate pelas tarefas do presente e do futuro”. Pois a função do culto aos mortos era a tentativa de se criar vínculos de memória militante no rito operário, cujo sentido era fomentar uma cultura associativa entre os trabalhadores (CATROGA, 1999: 260-261). Eric Hobsbawm, ao tratar do mesmo tema, a junção entre o catolicismo e os cortejos dos trabalhadores, pois “desde o início, a ocasião

² Jornal Diário do Ceará, Fortaleza, 8/5/1924, p. 1.

atraiu e absorveu elementos simbólicos e rituais, principalmente a de celebração semi religiosa e sobrenatural (...) um feriado e um dia santo ao mesmo tempo”.(HOBBSAWM, 1997:292)

Os Mártires de Chicago, mote utilizado como evocação no Primeiro de Maio, era adaptado à realidade, com homenagem aos heróis da classe operária, como a publicada no *Trabalhador Gráfico*, na edição de Primeiro de Maio de 1930, de Paulo Moraes, glorificando a trajetória de Pedro Augusto Motta, o “Martyr cearense”. A idéia da homenagem reportava certo semblante religioso, pois, “como Cristo, os Mártires de Chicago, e todos aqueles que tombam na luta contra a burguesia, dão seu sangue pelo operariado”(BATALHA, 2004:109), devem ter os nomes guardados pela história, como se vê na trajetória de vida de Pedro Augusto Motta.

Pedro Motta³ era gráfico, redator do jornal *O Combate*, valoroso militante que “nunca vacillou deante os potentados; sempre de frente erguida, enfrentou a colera dos que vivem da exploração”. Militante anarquista, fundou também outro periódico *A Voz do Graphico*, e, como poeta, publicou *verbo de fogo*, “que fez sucesso no meio dos seus companheiros”.⁴ Devido ao ímpeto revolucionário, Pedro Motta teve que emigrar a São Paulo, pois, em virtude da perseguição que sofrera pelos donos de jornais, não havia mais empregos para ele no Ceará.

Em São Paulo, participou do corpo editorial do jornal *A Plebe*, sendo constantemente perseguido pela classe patronal, resultando em prisão, decretada no governo Artur Bernardes, que, à época, empreendia caçada aos comunistas e anarquistas. Por sentença, Pedro Motta foi deportado para a Colônia Agrícola de Clevelândia, chamada de “inferno verde”, no município de Oiapoque, no atual Estado do Amapá. Devido às péssimas condições de vida do presídio rural, Pedro Motta não conseguiu sobreviver à dura realidade da repressão, resultando na morte do militante, conforme descreve Paulo Moraes:

onde morreu, em completa miseria, sem direito a sepultura e tendo, assim, devorado pelas aves de rapina que habitam naquela ilha. Mataram-no miseravelmente! Mas as suas idéias, ainda vivem e viverão sempre latentes nos nossos cérebros. Gloria, pois, ao Martyr Cearense!⁵ (grifo meu)

Apesar do conteúdo dramático da escrita de Paulo Moraes, para emocionar os militantes

³ Adelaide Gonçalves traçou trajetória de vida de alguns militantes no Ceará do início da Primeira República. Ver em: GONÇALVES, Adelaide. *A Imprensa dos Trabalhadores no Ceará, de 1862 aos anos 1920*. Florianópolis: Tese de Doutorado, UFSC; 2000.

⁴ Jornal *Trabalhador Gráfico*, Fortaleza, anno 1, num 3, 01/05/1930 p2.

⁵ Idem.

que leram o jornal ou assistiram ao discurso, há embutidos nas declarações, valores cristãos, quando informado da situação de Pedro Augusto Motta que morreu: “sem direito a sepultura e tendo, assim, devorado pelas aves de rapina que habitam naquela ilha”.

Vêem-se, na escrita de Paulo Moraes, valores religiosos e, ao mesmo tempo, racionalistas. O apelo cristão dá-se ao referir-se à morte sem enterro digno, que, como se pode ver em (CATROGA,1999: 259), incomodava a maior parte do operariado, que se proclamava adepta do catolicismo. Por outro lado, esses valores religiosos, embora nem sempre aceitos pelos militantes operários, visto que o anticlericalismo era comum nos movimentos comunista e anarquista, servem de tática, pois criam impacto no operariado católico, revertendo, assim, em clima de revolta e protesto.

Mesmo com esse apelo religioso, o militante Paulo Moraes não deixa de se reportar à “racionalidade”, presente nas terminologias de sua escrita: “Mas as suas idéias, ainda vivem e viverão sempre latentes nos nossos cérebros”, ora, pelo “senso comum”, seria mais palpável o uso da palavra “coração”, entretanto, como racionalista que era, optou por escrever “cérebro”, mostrando idéia contrária ao apelo religioso.

A mensagem de esperança e confiança no futuro fica explícita na mensagem daquele Primeiro de Maio (já que, além do texto no jornal, Paulo Moraes falou aos operários sobre o mesmo tema), pois para além da morte dos homens, permaneciam os ideais de uma sociedade justa e fraterna como apregoavam os militantes operários dos anos de 1930. O exemplo de Pedro Motta deve inspirar os operários para a luta na conquista de direitos.

O jornal, ao que parece, tentou fazer ligação entre o sofrimento do Mártir Cearense com o destino dos antigos tipógrafos. Na sessão “Espelho Vivo”, são retratados exemplos de outros “mártires”, como Rufino Barroso de Moura, o mais antigo gráfico de Fortaleza, trabalhando de 1883 a 1920; Antônio Ramos de Oliveira; João Leal, Manoel Pinheiro e Arthur Mathias Alves, todos, como divulga o jornal, explorados, e como “recompensa”, só vivem na miséria⁶. É notável, portanto, a associação dos Mártires de Chicago com a situação presente dos trabalhadores, fazendo a conexão luto/luta.

Em Camocim, o Primeiro de Maio, como lugar de memória, serviu, outrossim, para a lembrança dos mártires não somente aos tradicionais Mártires de Chicago, mas também aos trabalhadores cearenses que lutaram durante a “Intentona Comunista”, em 1935 e 1936, no Ceará, em especial, ao militante comunista Francisco Teodoro, no contexto da perseguição aos comunistas, na década de 1930:

⁶ Idem.

assim o povo de Camocim que já possui uma gloriosa tradição de lutas ligadas ao heroísmo do valoroso líder comunista, Francisco Teodoro que há dez anos sofreu ali as mais terríveis perseguições e torturas pela maneira corajosa com que defendia os interesses da classe proletária, e ainda pelo sacrifício de sangue dos trabalhadores – Amaral e Luís Pretinho – ali assassinados em 1936 pela polícia do governo Pimentel, não se deixou desanimar pela falta da banda de música da Prefeitura Municipal, e conseguiu imediatamente improvisar uma outra que a substituísse muito bem⁷

Assim, o luto não detinha o caráter desmobilizador da classe, com a idéia de que qualquer sublevação levaria o operário ao túmulo, mas motivador da luta, pois os exemplos de valorosos companheiros eram inúmeros, como Francisco Teodoro, Amaral, Luís Pretinho ou Pedro Augusto Motta, não permitindo que as mortes de militantes fossem em vão, beirando a mera fatalidade, ao contrário, eram tratadas como assassinatos cometidos pelo Estado Burguês, no caso, pela polícia do Governador Menezes Pimentel ou repressão de Arthur Bernardes, respectivamente, ou seja, mostrando a real dimensão das mortes, ocorridas em confronto político, tornando a lembrança dos chacinados em Chicago reavivada pelo sangue derramado dos mártires locais, impulsionando as lutas de classe.

“*Patrões e Operários do mundo inteiro, uni-vos*”: O Primeiro de Maio e a Igreja Católica

A luta dos trabalhadores, como se sabe, ganhou com o rito do Primeiro de Maio importante símbolo de universalização da classe, que passou a ser disputado por outros setores, a exemplo da Igreja Católica, conforme a Encíclica *Rerum Novarum*, de Maio de 1891, que ataca a modernidade, o ateísmo, a industrialização e suas conseqüências nefastas aos operários (CORDEIRO JR, 2002:319) estabelecendo a resolução dos problemas dos trabalhadores pela colaboração de classes, de forma ordeira, sem questionar a propriedade privada, tida como sagrada pela Igreja.

A origem do Primeiro de Maio, como foi dito, é fruto das lutas do movimento operário. A Igreja Católica, compreendendo a data universal da classe trabalhadora, realizou trabalho de arregimentação dos contingentes operários a partir da disputa dos significados dos ritos, que objetivavam “Consagrar o trabalho e exaltar as virtudes do trabalhador, do operário que aceita a sua condição social sem sublevar a ordem no mundo do trabalho”.(SANTOS, 2004: 263). No entanto, a força da Igreja era de tal monta, que até a origem do rito teve seu sentido alterado como se vê neste artigo de Giovanni Timóteo, que afirmara a gênese do Primeiro de Maio, como fruto da ação do Papa Leão XIII:

⁷ Jornal O Democrata, Fortaleza, 15/5/1946 p. 3. Apud SANTOS (2000: 122).

O dia 1º de Maio é dedicado ao trabalho e foi instituído pelo Papa Leão XIII, a fim de que as nações civilizadas unisonas, comemorassem a festa, que homenageia aos que labutam pela vida.

Neste dia comemoramos, alegremente, o trabalho universal, trabalho esse, que o homem executa dia a dia, em proveito da coletividade.

Esta potentíssima clava, que é o trabalho, consegue tudo, afim de aplinar com êxito as mais brilhantes conquistas do progresso.

(...) Trabalha o pobre e trabalha o rico.

Trabalha o pobre para satisfazer as suas necessidades urgentes; trabalha o rico e o nobre com mais afinco, para satisfazer suas vaidades, luxos e gozos; todos enfim trabalham, porque é o único meio de prover e assegurar a felicidade, para desta forma cultivar semelhante religião e evangelho.

O Trabalho enaltece e enobrece.

(...) Tudo se alcança com o trabalho, pois este conduz o homem a conquista do progresso.

Eis porque a humanidade, festeja condignamente este auspicioso dia no qual rememoramos com vivas e flôres, canticos sublimes, hosanas esplendidas e glorificamos no grandioso dia, pelo mundo inteiro, em calorosos louvôres, as suas próprias ações⁸.

Giovanni Timóteo denega o histórico e o caráter de classe do Primeiro de Maio sob dois prismas: primeiro, ao estipular a ação papal na construção da data, sobre a qual devia ser comemorado, em festa, o trabalho em benefício do “mundo civilizado”. Em seguida, infere que o rito é uma comemoração sem conteúdo classista, pois o Primeiro de Maio é o “Dia do Trabalho”, confundindo o conceito de *trabalho* com o de emprego, em que, por esse raciocínio, todas as pessoas desempenham função na sociedade, trabalham, valorizando, sobretudo, o trabalho dos ricos e nobres, que, segundo ele, labutam “com mais afinco, para satisfazer suas vaidades, luxos e gozos”. O pobre, por outro lado, trabalha apenas “*para satisfazer as suas necessidades urgentes*”, mascarando, assim, a simbologia do rito da classe operária e colocando a função dos operários em segundo plano.

A Igreja Católica, depois da *Rerum Novarum*, se dirige ao movimento operário, tomando a responsabilidade da resolução dos problemas sociais, evidenciada nesta passagem:

É com toda a confiança que nós abordamos este assunto, e em toda a plenitude do Nosso direito; porque a questão de que se trata é de tal natureza, que, se não apelamos para a religião e para a Igreja, é impossível encontrar-lhe uma solução eficaz. Ora, como é principalmente a Nós que estão confiadas a salvaguarda da religião e a dispensação do que é do domínio da Igreja, calarmo-nos seria aos olhos de todos traír o Nosso dever.⁹

Para a Igreja, não havia resolução da questão social, a não ser por meio do apelo à religião, já que o catolicismo abominava as tentativas de mudança social sob a ótica do

⁸ Jornal O Unitário, Fortaleza, 01/05/1938 p. 6 suplemento.

⁹ LEÃO XIII. Carta Encíclica “Rerum Novarum” sobre a condição dos operários. GEORGE, Henry, George & LEÃO XIII. A doutrina social da igreja. Rio de Janeiro: Laemmert, 1968. P. 153.

confronto entre as classes. Entretanto a Santa Sé não se eximia dos problemas operários, aconselhava, como resolução dos embates, a colaboração de classe, atacando as formas de luta direta, a exemplo do comunismo e as formas de protestos, propondo a concórdia de classes, a caridade, tendo a Igreja como mediadora dos conflitos, pois: “toda a economia das verdades religiosas, de que a Igreja é guarda e intérprete, é de natureza a aproximar e reconciliar os ricos e os pobres, lembrando às duas classes os seus deveres mútuos e, primeiro que todos os outros, os que derivam da justiça”.¹⁰

O símbolo da concórdia de classes pode ser exemplificado em paráfrase do *Manifesto Comunista*, divulgado no jornal *O Nordeste*: “Patrões e operários do mundo inteiro, univos¹¹”. A apropriação da conhecida frase de Marx, reelaborada pelo ideal cristão, dá dimensão da política da Igreja Católica, que consiste na colaboração de classes e pregação anticomunista, efetivando-se, na década de 1930, em dura batalha contra os socialistas, reinventando o sentido do Primeiro de Maio, como uma das formas de luta anticomunista. Por exemplo, a Legião Cearense do Trabalho (LCT) propôs um Primeiro de Maio colaboracionista e cristão, longe das lutas sociais, conforme assevera Raimundo Barroso Cordeiro: “a legião, portanto, reinventa uma tradição elaborada pela esquerda, aproveitando o momento para ressaltar a necessidade da colaboração entre as classes sociais e destruir aquele ritual de seu conteúdo revolucionário”.

E continua ao citar o porta-voz da LCT, o jornal “O Legionário”: “o 1º de maio, data que os socialistas deram uma feição meramente revolucionária, e da qual se servem em algumas partes do mundo, para darem ensanchas às suas machinações subversivas entre nós tem um caráter genuinamente festivo”¹².

Assim, os jornais *O Legionário* e *O Nordeste* contribuem para a propagação dos ideais da Igreja. A partir de 1930, as comemorações de Primeiro de Maio no Ceará, sob a direção das entidades católicas, assumiram viés religioso-festivo, propagado, em larga medida, pelos Círculos Operários Católicos.

Em 1933, sob liderança do Capitão Jeová Mota, a LCT demonstrou força e organização nos desfiles de Primeiro de Maio. *O Nordeste* fez ampla cobertura da comemoração legionária daquele ano, com a seguinte manchete: “grande demonstração de força e disciplina, que foi, indiscutivelmente, a parada da Legião Cearense do Trabalho¹³”. O prestígio da LCT estava vinculado ao apoio político do Interventor Carneiro de Mendonça, presença marcante

¹⁰ LEÃO XIII. op. Cit. P. 163.

¹¹ Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 28/04/1939 p.11

¹² Jornal *O Legionário*, Fortaleza, 22/04/1933, p. 4. Apud CORDEIRO JR., Raimundo. op.cit. p.320

¹³ Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 02/05/1933 p.4

em boa parte da solenidade da Legião daquele ano.

O Governo Estadual, em reconhecimento à força dos legionários, no Estado, e percebendo que o apoio católico à proposta do varguismo ajudaria na liquidação do movimento operário combativo, assinou decreto criando cinco “escolas de alfabetização legionária”, nas sedes da Associação Primeiro de Maio, Sindicato da Fábrica Progresso, União Popular Cristo Rei, Sindicato dos Operários da Light e Sindicatos dos Operários em Cortume.¹⁴

A comemoração Legionária do Primeiro de Maio de 1933 legitimou a programação oficial do Primeiro de Maio. Iniciou-se com a alvorada na sede do Secretariado Legionário e nas sedes dos sindicatos membros, com o hasteamento da bandeira da LCT. Após a alvorada, realizou-se missa na Igreja do Patrocínio, muito prestigiada pelos membros da Legião, celebrada pelo padre Hélder Câmara, (um dos criadores da LCT em 1931), os legionários saíram em marcha rumo à Assembléia Legislativa para assistir, sob a presidência do Interventor Carneiro de Mendonça, a cerimônia de posse da Comissão Municipal Mista de Conciliação e Arbitragem, encabeçada por Adolfo Campelo e Avelar Rocha, composta por empregados e empregadores. Ao término da sessão, falaram diversas autoridades, com destaque para Ubirajara Índio do Ceará, pela LCT e do Fiscal do Trabalho, Wlademiro Leon Salles, como o “fiscal da classe operária¹⁵”.

À tarde, deu-se cerimônia no Centro Artístico Cearense, presidida pelo chefe da Legião, Capitão Jeová Mota, em que foram empossadas as diretorias de diversos sindicatos e associações, dentre eles, a do próprio Centro Artístico, Sindicato dos Trabalhadores da Usina Ceará, Sindicato dos Pequenos Funcionários Públicos Federais, Sindicato dos Operários da Fábrica Santa Maria, Sindicato dos Pedreiros e Sindicato dos Funcionários do Serviço de Febre Amarela¹⁶.

O desfile legionário estendeu-se pela Rua Tristão Gonçalves até a Duque de Caxias, acompanhado de vários automóveis conduzindo diversas autoridades legionárias. Todos rumaram à Praça José de Alencar, para assistirem ao comício oficial de Carneiro de Mendonça e marcharam as quarenta e oito entidades sindicais filiadas à LCT, em direção à Praça do Ferreira, que estava coberta por estandartes operários, “dando aspecto encantador ao

¹⁴ Jornal O Nordeste, Fortaleza, 02/05/1933 p.4

¹⁵ A idéia dos Fiscais do Trabalho, expressada no Ceará pela fala de Leon Salles, era era mais um trunfo do varguismo na tentativa de desestabilizar os sindicatos de orientação comunista, de delegar poderes fiscalistas aos trabalhadores, no intuito de se criar lideranças novas, com respaldo e poder de barganha. GOMES, Angela de Castro . op. cit p. 166

¹⁶ Jornal O Nordeste, Fortaleza, 02/05/1933 p.4

local dos comícios¹⁷”. A grande passeata bradava “vivas a Legião, ao Capitão Jeová Motta, ao Tenente Severino Sombra e às Associações”. Para idéia da dimensão da manifestação, o préstito foi animado por duas bandas de música: da Polícia Militar e a do Círculo Operário São José, uma à frente e a outra na retaguarda. O préstito seguiu em direção ao Secretariado da Legião, encerrando os desfiles do Primeiro de Maio.

A disputa de significados para o rito do Primeiro de Maio aparece também nas cerimônias, que, além do conteúdo diferenciado, a Igreja, pela União dos Moços Católicos, Legião Cearense do Trabalho e Liga Eleitoral Católica realizava comemorações em separado, com o intuito de sua base não entrar em contato com os militantes comunistas. As sessões de maio eram realizadas nos colégios Cearense e Imaculada Conceição e os atos ocorriam, principalmente, na coluna do Cristo Redentor, que, ano após ano, reunia os operários católicos, conforme programação em *O Nordeste*: “desde a meia noite da véspera, começaram a estrugir foguetões, realizando-se a tarde uma concentração da campanha legionária”.¹⁸ O mês de Maio não é marcado pela luta, mas sim pela religiosidade, como o “Maio Mãe”, o “mês de Nossa Senhora”¹⁹. Os atos de Primeiro de Maio resumiam-se na concepção e prática catequética da Igreja, como a “páscoa dos operários” ou “páscoa dos homens da blusa grosseira e pobre,”²⁰ com a organização de banquetes eucarísticos. Em 1939, *O Nordeste* divulgou que, “além de festejar o Primeiro de Maio, o operariado cearense, cujos sentimentos cristãos são conhecidos quis homenagear o maior de todos os operários – Deus - “criador e senhor de todas as cousas”.²¹

Durante o período varguista, houve essencial colaboração da Igreja Católica, no sentido de arregimentação dos trabalhadores ao projeto do Estado, pois, além de destituir de qualquer sentido reivindicatório, a LCT e o Círculos Operários Católicos nutriam simpatias por um Estado assistencialista, como se observa na análise de Castro Gomes:

A proposta da Igreja, estruturada nos Círculos Operários Católicos, contou com o respaldo de Waldemar Falcão, sucessor de Agamenon a partir de 1937, mas não conseguiu sensibilizar os trabalhadores. Profundamente assistencialista, a proposta circulista vinculou-se a um clima político de intenso combate ao comunismo e grande simpatia por um Estado autoritário. (GOMES, 2005:178)

Porta-voz católico da LCT, o jornalista Audifax Mendes, em comício na Praça do Cristo Redentor, pronunciou-se em defesa do governo Vargas, fazendo um: “paralelo entre as vitórias cívicas do operariado brasileiro, anunciadas (...) [por] Getúlio Vargas e os princípios

¹⁷ Idem.

¹⁸ Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 01/05/1935 p. 3

¹⁹ Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 02/05/1938 p. 4

²⁰ Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 06/05/1939 p. 6

²¹ Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 08/04/1939 p.11

que norteavam os operários católicos, à luz das encíclicas papais e dos ensinamentos evangélicos”.²²

A propaganda varguista e anticomunista era tamanha, que o jornal *O Nordeste* mencionou, com bastante orgulho, a suposta declaração do comunista Maurício de Lacerda, que “admirou-se da campanha anti-comunista do nosso operariado”.²³

O intuito da Igreja Católica, através do circulismo, era transformar o binômio luta-luto do Primeiro de Maio militante em dia festivo e de celebração do sagrado e exaltação dos valores católicos, contra a modernidade e o avanço do comunismo. O objetivo dos circulistas era estabelecer relação de harmonia entre as classes sociais, como desejava a Igreja, governo e empresários. Era, portanto, compreensível que os desfiles de Primeiro de Maio, na década de 1950, além do Círculo Operário Católico, contassem também com o apoio da Delegacia Regional do Trabalho, SESI, Federação do Comércio do Ceará, Federação Cearense de Desporto, dentre outras organizações que corroboraram para a destituição dos sentidos originais do Primeiro de Maio.

BIBLIOGRAFIA

BATALHA, Cláudio. *Cultura associativa no Rio de Janeiro*. In: BATALHA, Cláudio, FORTES, Alexandre; SILVA, Fernando. (orgs.). **Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado**. Campinas, Ed. da Unicamp, 2004.

CATOGRA, Fernando. **O Céu da Memória: cemitério romântico e culto cívico dos mortos em Portugal (1756-1911)**. Coimbra: Ed. Minerva, 1999.

CORDEIRO JR, Raimundo. *A Legião Cearense do Trabalho*. In: **Uma nova História do Ceará**. Fortaleza, Ed. Demócrito Rocha, 2002.

FONSECA, Carlos da. **O 1º de Maio em Portugal 1890-1990 - crônica de um século**. Lisboa: Edições Antígona, 1990.

GEORGE, Henry, & LEÃO XIII. **A doutrina social da igreja**. Rio de Janeiro: Laemmert, 1968.

GOMES, Angela de Castro. **A Invenção do Trabalhismo**. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

GONÇALVES, Adelaide. **Imprensa dos Trabalhadores no Ceará: 1862 aos anos 1920**. Tese. Florianópolis: UFSC, 2000.

_____ & BRUNO, Alysson. (Orgs). **O Trabalhador Gráfico edição fac-similar**. Fortaleza, ED. UFC, 2002.

HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

SANTOS, Carlos Augusto. **Cidade Vermelha: a militância comunista em Camocim – CE 1927-1950**. Dissertação. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

SANTOS, Jovelina. **Do Círculo Operário ao Sindicato: a Igreja católica e a organização dos trabalhadores no Ceará -1915-1963**. Dissertação. Fortaleza: UFC, 2004.

²² Jornal O Nordeste, Fortaleza, 06/05/1939 p. 6.

²³ Jornal O Nordeste, Fortaleza, 28/04/1939 p. 11.